



O TEMPO PENSADO EM TEXTO NA HERMENÊUTICA DE PAUL RICOEUR

The time thought in text on Paul Ricoeur's hermeneutic

José Vanderlei Carneiro *

Resumo: Este artigo tem o propósito de refletir sobre as concepções de tempo que se articulam na hermenêutica de Paul Ricoeur, a partir de sua obra *Tempo e Narrativa*. A questão básica que norteará a nossa pesquisa será compreender como se relaciona o tempo linguístico e o tempo filosófico no processo de interpretação da narrativa. Para tanto, traçaremos o seguinte percurso: primeiramente analisaremos as concepções de tempo linguístico; em seguida, refletiremos sobre a passagem do tempo linguístico para tempo filosófico; e por último, sistematizaremos a concepção de tempo filosófico como constitutivo de mediação mimética da experiência humana no texto narrativo.

Palavras-chave: Tempo. Texto. Narrativa. Hermenêutica.

Abstract: This article aims to reflect on the concepts of time articulated in Paul Ricoeur's hermeneutics, as seen in his work *Time and Narrative*. The basic issue guiding our research will be to understand how linguistic time relates to philosophical time in the interpretation of the narrative process. To do so, we will trace the following path: first, we will analyze the linguistic concepts of time;

* Mestre em Filosofia pela Universidade Estadual do Ceará e Doutor em Linguística pela Universidade Federal do Ceará. Professor Adjunto I de Filosofia da Universidade Federal do Piauí. Artigo recebido em 09/02/2015 e aprovado para publicação em 14/12/2015.

Texto extraído com alteração da minha tese de Doutorado (Por uma redefinição da narrativa à luz da narratologia contemporânea) em Linguística pela Universidade Federal do Ceará, tendo como orientadora a Prof^a. Dr^a. Marlene Mattes.

then, we will reflect on the passage from linguistic time to philosophical time; finally, we will systematize the conception of philosophical time as constituting mimetic mediation of human experience in narrative text.

Keywords: Time. Text. Narrative. Hermeneutics.

Introdução

A base teórica de sustentação deste artigo está presente nos escritos de Paul Ricoeur, precisamente na obra *Temps et récit*¹. Não examinaremos a vasta produção intelectual do filósofo, tais como: filosofia da vontade (1950; 1960), hermenêutica da suspeita (1965, 1969) ou hermenêutica bíblica (2000); nem disciplinas temáticas como estruturalismo, psicanálise, fenomenologia (1969); linguagem, texto (1976; 1986) ou ética e política (1990; 1991; 1995); mas, pesquisaremos somente sua concepção de tempo, situada no campo interdisciplinar do seu pensamento².

Em *Tempo e Narrativa*, Ricoeur relaciona a concepção de tempo linguístico com a concepção de tempo filosófico como uma hermenêutica intrínseca da linguagem textual. O tempo está relacionado tanto com a experiência da leitura quanto com o exercício da fala.

O propósito do filósofo será superar a dicotomia entre o tempo do discurso (tempo da enunciação) e o tempo do texto (tempo do enunciado). Desta forma, a teoria da mimese do tempo capta, através da hermenêutica, os interstícios da temporalidade, nos quais o texto narrativo integra as várias operações interpretativas que o sujeito faz do tempo (RICOEUR, 1995; 1997). O tempo verbal e seus marcadores indicam a analogia entre a duração e a frequência pertencentes à sensação humana, na qual o passado e o futuro, o agora e o depois, constituem uma mesma lógica de percepção do tempo.

A relação entre hermenêutica e narrativa se constitui na interseção entre os tempos verbais estabelecidos pela mediação da experiência humana. O conceito de tempo hermenêutico do signo linguístico, em última instância, compreende a dialética das sensações interiores e da fenomenologia do signo linguístico como referencial na produção da reflexão filosófica e da imaginação literária.

Disso decorre um problema fundamental: como podemos relacionar distanciamento histórico e pertencimento temporal, ou seja, tempo linguístico e

¹ Publicada na França inicialmente pela Seuil, em 1983, 1984, 1985 e no Brasil somente foi lançada pela Papyrus Editora, em 1994, 1995, 1997 e pela Editora Martins Fontes, em 2010, 2011. Neste artigo utilizaremos a tradução da primeira editora brasileira.

² Para uma introdução ao pensamento de Paul Ricoeur. Cf. HAHN, 1999; CESAR, 2002; PELLAUER, 2009; JERVOLINO, 2011.

tempo filosófico no processo de interpretação da narrativa? Neste sentido, o objetivo principal desse texto consiste em refletir sobre as concepções de tempo que se articulam na hermenêutica de Paul Ricoeur.

Quanto à organização textual, este artigo está estruturado em três tópicos. Primeiro, analisaremos duas concepções de tempo linguístico, sistematizadas na obra *Tempo e Narrativa* de Paul Ricoeur: a) a de Émile Benveniste, que estabelece uma distinção entre história e discurso e b) a de Harald Weinrich, que tenta dissociar a organização dos tempos verbais da consideração do tempo vivenciado. Para isso, ele distribui o tempo das línguas naturais em três eixos: 1) a “situação de locução”, 2) a “perspectiva de locução” e 3) “indicação de relevo”. Em seguida, refletiremos sobre as aporias do tempo: do signo ao filosófico. E por último, sistematizaremos a concepção de tempo filosófico como constitutivo de mediação mimética da experiência humana no texto narrativo.

1 Duas concepções de tempo linguístico

A concepção de tempo linguístico, presente na obra do filósofo, é uma leitura filosófica na qual Ricoeur relaciona linguística da enunciação com linguística textual. Para analisar o tempo linguístico no texto narrativo é preciso integrar as várias articulações teóricas sobre o tempo verbal e a experiência humana com o tempo, sendo este um trabalho fundamentalmente hermenêutico. O tempo linguístico é inerente a investigação interpretativa tanto da enunciação quanto do enunciado. É a partir da teoria do tempo verbal que a função de enunciação do discurso se torna relevante no texto, permitindo que a estrutura dos enunciados, mesmo separados, produza significação na relação do enunciador com a situação da interlocução (RICOEUR, 1995, p. 110).

Existe, porém, no texto narrativo uma aporia linguística no sistema dos verbos, que é exatamente a tentativa de

Separar o sistema dos tempos do verbo da experiência viva do tempo e a impossibilidade de separá-los completamente, pois faz parte do estatuto das configurações narrativas, ao mesmo tempo autônomas com relação à experiência cotidiana e mediadora entre o antes e o depois da narrativa (RICOEUR, 1995, p. 111).

Para examinar o grau de autonomia das configurações narrativas em relação à experiência do tempo, antes e depois do texto, é necessário compreendermos como se constitui o sistema dos tempos verbais. Essa interdependência do sistema dos tempos contribui tanto para a composição como para a configuração narrativa.

1.1 Émile Benveniste: distinção entre história e discurso

Para Fiorin, uma questão pertinente no estudo de Benveniste é a distinção entre o tempo linguístico e as outras noções de tempo (FIORIN, 1996). A singularidade do tempo linguístico está relacionada ao exercício da fala: o discurso inaugura o momento exato da enunciação.

É o ato de linguagem que gera o agora da fala. O tempo presente é que indica a contemporaneidade entre o evento narrado e o momento da narração. O agora é reinventado a cada vez que o enunciador enuncia, e a cada ato de fala instaura-se um tempo novo. Como nos escreve Guimarães Rosa:

Se quer seguir-me, narro-lhe; não uma aventura, mas experiência, a que me induziram, alternadamente, séries de raciocínios e intuições. Tomou-me tempo, desânimo, esforços. Dela me prezo, sem vangloriar-me. Surpreendo-me, porém, um tanto à-parte de todos, penetrando conhecimento que os outros ainda ignoram. O senhor, por exemplo, que sabe e estuda, suponho nem tenha ideia do que seja na verdade — um espelho? Demais, decerto, das noções de física, com que se familiarizou, as leis da óptica. Reporto-me ao transcendente. Tudo, aliás, é a ponta de um mistério. Inclusive, os fatos. Ou a ausência deles. Duvida? Quando nada acontece, há um milagre que não estamos vendo (ROSA, 1988, p. 65).

O sujeito da narrativa convida o leitor a participar de um exercício sobre a experiência do tempo presente no reflexo do espelho. *Se quer seguir-me, narro-lhe; não uma aventura, mas experiência...* Essa configuração genérica se insere no que a linguística da enunciação aceita como discurso da narrativa. O tempo presente inaugura o ato de dizer, mas diz uma representação de experiência (*se quer seguir-me, narro-lhe*) que dá o caráter mimético do texto.

O texto acima traz um enigma: a classificação que o linguista faz entre o tempo do discurso e o tempo da narrativa. Isso porque, *quando nada acontece, há um milagre que não estamos vendo*, ou seja, presente e passado podem estabelecer uma hibridização na ordem da temporalidade ficcional, cuja fronteira, instituída entre discurso e narrativa, carece de correção, exatamente se flexibilizarmos as marcas temporais da narrativa postas pelo pensamento de Benveniste (1989).

Na narrativa, considera-se o pretérito a marca do recuo ao passado, tornando-se o tempo canônico da narração. A narrativa que Benveniste opõe ao discurso é aquilo que Ricoeur chama de “enunciação histórica” (RICOEUR, 1995, p. 113). Ela se caracteriza como narrativa dos acontecimentos passados, dos fatos ocorridos num certo momento do tempo, sem qualquer intervenção do locutor na narrativa.

Segundo Paul Ricoeur, “a narrativa não pode excluir o presente sem excluir as relações de pessoa: eu-tu; o aoristo é o tempo do acontecimento, fora

da pessoa e do narrador” (RICOEUR, 1995, p. 113). Este verbo desprovido da experiência pessoal do tempo não deixa de marcar a possibilidade da coincidência do acontecimento com o tempo do discurso. Essa relação mimética entre tempo do verbo e tempo vivenciado não pode estabelecer uma oposição entre discurso e narrativa, mas ressaltar, sobretudo, o papel do discurso na própria narrativa.

Com efeito, Ricoeur ressalta que a narrativa traz um duplo problema no seu processo de discernimento entre a enunciação e o enunciado (que em Benveniste se entende como discurso): “por um lado, o das relações entre o tempo da enunciação e o tempo do enunciado e, por outro, o da relação entre esses dois tempos e o tempo da vida e da ação” (RICOEUR, 1995, p. 114). Para Ricoeur, portanto, Benveniste não resolve este problema porque o foco do seu estudo está no âmbito da subjetividade da linguagem.

1. 2 Harald Weinrich: a dissociação do conjunto dos tempos verbais nas línguas naturais das categorias do tempo vivido

O estudo de Harald Weinrich (1974) sobre o tempo e seus sistemas, que possibilita essa relação entre a organização dos tempos do verbo e o sentido do tempo na ficção, contextualiza-se numa compreensão de análise textual. Ele se propõe a aplicar a perspectiva estrutural do tempo a uma linguística de texto, rompendo com o privilégio exclusivo da frase, neste tipo de investigação.

Para Paul Ricoeur, “diferentemente de Émile Benveniste, Harald Weinrich inspira-se, para seu princípio de classificação e de distribuição dos tempos, numa teoria da comunicação” (RICOEUR, 1995, p. 118). Assim, enquanto este tem como base de sustentação teórica, para a classificação e distribuição dos tempos, uma teoria da comunicação, aquele se apoia numa teoria da enunciação. Harald Weinrich (1974) desenvolve uma distribuição dos tempos das línguas naturais em três eixos: a) a “situação de locução”, b) a perspectiva de locução e c) indicação de relevo.

1.2.1 Situação de locução: a distinção entre contar e comentar

Contar e comentar são duas situações de locução: a primeira se define pela distensão ou pelo desprendimento; a segunda se define pela atitude de tensão ou engajamento. Elas estão representadas nos textos da seguinte forma: 1) Do mundo comentado: “o diálogo dramático, o memorando político, o editorial, o relatório científico, o tratado jurídico e todas as formas de discurso ritual codificado e performativo” (RICOEUR, 1995, p. 118); 2) Do mundo contado: “o conto, a lenda, a novela, o romance e a narrativa histórica” (RICOEUR, 1995, p. 119).

Segundo Weinrich,

Se espera, naturalmente, que apareçam todos os tempos em todas as situações comunicativas, mas a verdade é que, fixando-nos concretamente nos grupos de tempos e não vagamente em todos os tempos, aparecem determinadas afinidades entre ambos os grupos e certas situações comunicativas (WEINRICH, 1974, p. 62).

Temos, desta maneira, para cada situação de locução a correspondência de grupos distintos de tempos verbais, isso em cada língua natural. A relevância dos tempos verbais está na sua função de transmitir sinais entre sujeitos da interlocução, possibilitando com clareza a construção da comunicação, a ponto de estabelecer o que é um comentário e o que é uma narrativa na análise da linguagem de texto.

Para Paul Ricoeur,

Essa primeira distribuição dos tempos não deixa de lembrar a distinção entre discurso e narrativa em Benveniste, exceto pelo fato de ela não mais introduzir a relação do enunciador com a enunciação, mas a relação de interlocução e, por meio desta, a condução da recepção da mensagem, tendo em vista uma primeira distribuição dos objetos possíveis de comunicação. O mundo comum dos interlocutores é afetado por uma distinção sintática; por isso, fala-se em Harald Weinrich, de mundo contado e mundo comentado (RICOEUR, 1995, p. 120).

Desta forma, a situação de locução, como um dos eixos da comunicação, não demarca necessariamente um grande problema a ser identificado sob a distinção entre mundo comentado e mundo narrado, já que a diferença entre atitude de tensão e distensão não está tão marcada na teoria de Weinrich. Segundo Ricoeur, o próprio autor aqui em estudo “evoca o caso dos romances ‘apaixonantes’ e observa que ‘se o narrador confere tensão à sua narrativa é por compensação; por uma técnica apropriada, ele contrabalança em parte a distensão da atitude inicial [...]. Ele conta como se comentasse’” (RICOEUR, 1995, p. 121). Isso nos leva, portanto, a postular que é possível investir na inclusão do discurso na narrativa, pois a tentativa de disjunção entre eles (discurso e narrativa) não está de todo satisfeita.

1.2.2 Perspectiva de locução: a relação entre o tempo do ato e o tempo do texto

Todo texto compreendido como um desenvolvimento linear da cadeia falada deixa sempre uma fenda entre o tempo da ação e o tempo do texto. Isso significa dizer que na hermenêutica de Paul Ricoeur,

A possibilidade dessa defasagem entre o tempo do ato e o tempo do texto resulta do caráter linear da cadeia falada e, portanto, do próprio desenvolvimento

textual. Por um lado, qualquer signo linguístico tem um antes e um depois na cadeia falada. Tanto a informação preliminar quanto a informação antecipada contribuem para a determinação de cada signo no *Textzeit*. Por outro lado, a orientação do locutor com relação ao *Textzeit* é ela própria uma ação que tem seu tempo, o *Aktzeit*. É esse tempo da ação que pode coincidir com o tempo do texto (RICOEUR, 1995, p. 122).

Em toda língua existem sinais para indicar cada perspectiva de locução: coincidência ou defasagem entre ação e tempo. E estes índices linguísticos na comunicação se configuram como tempo nas atitudes de locução, tais como, por exemplo, os tempos do mundo comentado e os tempos do mundo narrado. Os tempos do mundo comentado são: a) o pretérito perfeito composto marca a retrospecção; b) o futuro, a prospecção e o c) presente, o não-marcado. Os tempos do mundo narrado são: a) o mais-que-perfeito e o passado anterior assinalam a retrospecção; b) o condicional, a prospecção e c) o pretérito perfeito simples e o imperfeito, o grau zero do mundo contado (RICOEUR, 1995, p. 122).

Weinrich ressalta na sua análise que

Os tempos zeros do mundo comentado e do mundo narrado são os tempos que mais usamos ao falar, quer dizer que nosso discurso mostra geralmente absoluta falta de interesse por uma orientação baseada em perspectivas. O falante e o ouvinte se contentam com a informação sobre a atitude comunicativa (WEINRICH, 1974, p. 99).

Do mesmo modo ocorre com as outras características da perspectiva de locução: retrospecção e prospecção indicadas pelas formas verbais, o discurso sempre sinaliza para uma atitude comunicativa adotada pelo falante.

No entanto, segundo Ricoeur (1995), no pensamento de Weinrich sobre a concepção de tempo linguístico, existe uma fenda entre o tempo da ação e o tempo do texto. A partir desta abertura teórica, investiremos na construção de elementos linguísticos de interação identificáveis na narrativa. Procuraremos articular mecanismos de textualização com mecanismos enunciativos para suprir semanticamente a observação que Ricoeur faz à perspectiva de locução do autor em estudo.

1.2.3 Indicação de relevo: desenhando os contornos fundamentais no ato de narrar

O tempo privilegiado da indicação de relevo na narrativa em primeiro plano é o pretérito perfeito simples; já para o pano de fundo, o tempo é o imperfeito, observado quase sempre no conteúdo dos textos contados, como, por exemplo, na estrutura dos contos.

A esses dois planos, está associada a ideia de velocidade, em função do ritmo que se estabelece na averiguação dos fatos. Esses, ao serem repre-

sentados, em língua portuguesa, pelo pretérito perfeito (primeiro plano), dão uma conotação de rapidez, mas, se representados pelo pretérito imperfeito (pano de fundo) produzem um efeito mais lento. São essas características de movimento que o texto narrativo dispõe para o trabalho do hermenêuta de texto.

A indicação de relevo da narrativa é uma estratégia de textualização que o leitor encontra no ato de contar a história. Os indicativos – comentar e narrar – posicionam o sujeito no texto por meio do uso do tempo verbal, como por exemplo, o pretérito imperfeito (*certo dia*) indicando o pano de fundo da narrativa.

As transições temporais (*era uma vez, ficava, certo dia*) configuram de forma significativa os mecanismos de mediação que os tempos verbais dispõem na composição do texto narrativo, sendo simultaneamente uma experiência com o tempo. Como diz Paul Ricoeur,

O estudo dos tempos verbais não pode romper seus vínculos com a experiência do tempo e suas denominações usuais, do mesmo modo que a ficção não pode romper suas amarras com o mundo prático de onde ela procede e para onde retorna (RICOEUR, 1995, p. 131).

Finalmente, podemos afirmar, a partir destas duas sistematizações sobre o tempo linguístico no texto de ficção, que os tempos verbais estão a serviço de uma consistente produção de sentido.

2 As aporias do tempo: do signo ao filosófico

Na fenomenologia de Husserl, o presente antecipa o passado da lembrança e realiza o ato do acontecimento na consciência. O tempo está para além de uma estrutura verbal do tempo, ou seja, do tempo linguístico, que marca somente a sucessão dos atos humanos no mundo e, também, ultrapassa qualquer perspectiva de uma fenomenologia da percepção do tempo.

O achado de Husserl, neste ponto, é que o “agora” não se contrai num instante pontual, mas comporta uma intencionalidade longitudinal [...], em virtude da qual ele é ao mesmo tempo ele mesmo e a retenção da frase de som que acaba “agora mesmo” (*soeben*) de passar, assim como a protensão da fase iminente (RICOEUR, 1997, p. 46).

Para Paul Ricoeur “não há dúvida: o problema é o da duração como mesmo. E a retenção, simplesmente nomeada aqui, é o nome da solução procurada” (RICOEUR, 1997, p. 46). Assim, o problema do tempo husserliano se configura da seguinte forma: de um lado a forma comum do “agora” (origem da simultaneidade) e a continuidade dos modos de transcorrência que gera a sucessão; do outro, a descontinuidade, que é pressuposto da

continuidade, mas que coloca outra ferramenta interpretativa que está na dialética da simultaneidade e da sucessão ou “fluxo das multiplicidades temporais” (RICOEUR, 1997, p. 66-70).

As multiplicidades temporais explicitam ainda a mediação entre o tempo vivido e o tempo cósmico, estabelecida pelo tempo do calendário. Segundo Ricoeur,

O tempo do calendário é a primeira ponte lançada pela prática historiadora entre o tempo vivido e o tempo cósmico. Ele constitui uma criação que não depende exclusivamente de nenhuma das duas perspectivas sobre o tempo: embora participe de uma e de outra, sua instituição constitui a invenção de um terceiro-tempo (RICOEUR, 1997, p. 180).

O tempo do calendário usado pela historiografia tem a perspectiva de reconstituir a fragmentação presente na ideia de multiplicidade do tempo. Essa compreensão de tempo é, na verdade, uma figuração que está na origem das experiências que presidem a constituição de documentos reais. Desta forma, essa abordagem de tempo torna o tempo do calendário como um terceiro-tempo entre o tempo interno, ou seja, a experiência do tempo presente (discurso) e o tempo externo, do ponto de vista da narrativa. Ricoeur acompanha Benveniste na exposição das regras que caracterizam a constituição do tempo do calendário. Elas são a) parte de um acontecimento fundador; b) colocam-se relativamente ao eixo de referência, passado, presente e futuro e c) estabelecem um “repertório de unidades de medidas que servem para denominar os intervalos constantes entre as recorrências de fenômenos cósmicos” (RICOEUR, 1997, p. 183).

Ricoeur (1997) toma a ideia de tempo do calendário como alternativa à oposição entre o tempo psíquico e o tempo cósmico: a relação entre a experiência da singularidade do tempo e a convivência com o tempo universal. O tempo do calendário se configura como um *terceiro-tempo* com o propósito de objetivar as condições necessárias da vida dos indivíduos em sociedade, tornando-o um fenômeno sempre contemporâneo.

Desta forma, a linguagem humana, em relação à experiência do tempo filosófico, pode ser compreendida, segundo Ricoeur, como meditação aporética daquilo que Agostinho em *Confissões* (livro XI) categoriza como experiência da alma.

Conhecemos de cor o grito de Agostinho no limiar de sua meditação: ‘O que é afinal o tempo? Se ninguém me pergunta, sei; se alguém pergunta e quero explicar, não sei mais’ (14, 17). Assim o paradoxo ontológico opõe não somente a linguagem ao argumento cético, mas a linguagem a si mesma. [...] A questão é pois circunscrita: como o tempo pode ser, se o passado não é mais, se o futuro não é ainda e se o presente nem sempre é? (RICOEUR, 1994, p. 23).

E sendo o tempo uma interrogação interna do ser, conjectura que a percepção sobre ele é dada pelo exercício de contar as intrigas internas do

indivíduo. Neste sentido, as coisas da experiência humana são configuradas por meio da narrativa, na qual o tempo está sempre numa dialética entre sensações interiores e constância fenomênica do tempo ou na dialética da *intentio* e da *distentio* definidamente ancorada na experiência da eternidade e nas aporias do tempo.

Esse movimento é o mesmo que os nove primeiros livros das Confissões narram. Neste sentido a narração cumpre de fato o percurso da qual o livro XI reflete as condições de possibilidade. Esse livro atesta, com efeito, que a atração da experiência temporal pela eternidade do Verbo não é tão grande a ponto de abolir a narração ainda temporal numa contemplação subtraída das coerções do tempo (RICOEUR, 1994, p. 53).

O tempo, para o filósofo, não é somente uma categoria de relação com o movimento, do ponto de vista aristotélico, mas constituinte móvel, a ponto de produzir um desacordo entre a experiência de tempo do indivíduo e o fenômeno do tempo no mundo. Essa discordância se encontra na concordância que se dá somente através de uma operação mimética pertencente à composição da narrativa; proposição tomada da leitura que Ricoeur faz da *Poética* de Aristóteles. Neste sentido, Ricoeur propõe a seguinte hipótese:

Existe entre a atividade de narrar uma história e o caráter temporal da experiência humana uma correlação que não é puramente acidental, mas apresenta uma forma de necessidade transcultural. Ou, em outras palavras: que o tempo torna-se tempo humano na medida em que é articulado de um modo narrativo, e que atinge seu pleno significado quando se torna uma condição da existência temporal (RICOEUR, 1994, p. 85).

No fio desta leitura ricoeuriana, a existência do tempo se constitui no jogo hermenêutico narrativo entre o tempo da alma (Agostinho) e o tempo do mundo (Aristóteles). Isso conduz uma compreensão por um lado de que a experiência humana do tempo é um movimento; é uma sucessão do tempo e por outro, o tempo é uma ideia da sensação humana. Portanto, existe o tempo do mundo narrado e a experiência interna do tempo. “A aporia da temporalidade, à qual responde de diversas maneiras a operação narrativa, consiste precisamente na dificuldade que existe em segurar as duas pontas da corrente: o tempo da alma e o tempo do mundo” (RICOEUR, 1997, p. 22).

A experiência do tempo interno, invisível, é capturada pela lembrança. Ela mantém o sujeito distante do mundo, por meio de um mecanismo de deslocamento do tempo existente entre o enunciado e a enunciação. Essa distensão se dá como forma de compensar a dicotomia entre o tempo presente e o tempo da representação.

Para Ricoeur, a noção de rastro constitui um novo conector entre as perspectivas sobre o tempo que o pensamento especulativo fenomenológico

dissociou, principalmente, por meio da filosofia heideggeriana, que são os registros da história do mundo.

O rastro combina, assim, uma relação de significância, melhor discernível na ideia de vestígio de uma passagem, e uma relação de causalidade, incluída na coisidade da marca. O rastro é o efeito-signo. [...] É com essa condição que o rastro, conservado e não mais deixado, torna-se documento datado (RICOEUR, 1997, p. 202).

A conexão entre rastro e datação permite retomar ao problema da temporalidade na perspectiva dêitica não somente de falas, mas também dos rastros como material interpretável, pois tanto um quanto o outro possibilitam ao hermeneuta operar com os signos discursivos da história.

O rastro indica passagem, atenção, descoberta, exercício de múltiplo direcionamento e de interpretação. “O tempo do rastro, ao que me parece, é homogêneo em relação ao tempo do calendário”. (RICOEUR, 1997, p. 205).

Já a databilidade remete ao tempo da interpretação a partir de marcadores temporais, como: “agora”, “então”, “outrora” etc. Estas marcas são cunhadas muito frequentemente pelo historiador-cientista, mas não é exclusividade dele, pois a databilidade sem data não lhe interessa, no entanto, o historiador-filósofo pode tomá-las como indicadores de retextualização, seguindo o rastro, remontando-o, decifrando-o, no espaço, no estiramento do tempo; “mas como fazê-lo, se o lapso de tempo não for logo de saída submetido ao cálculo e á medida?” (RICOEUR, 1997, p. 207).

Portanto, não superado o debate entre o tempo da alma e o tempo do mundo e sua interpretação, Ricoeur coloca a questão de saber se pode haver tempo se não há alma para distinguir dois instantes e contar os intervalos. Neste percurso, Ricoeur passa pela fenomenologia hermenêutica, investiga o tempo por meio de seus resíduos inteligíveis e mediados pelos conectores do calendário, rastro e databilidade. Mas o caráter aporético sobre concepção de tempo permanece, tanto quanto o investimento reflexivo sobre a compreensão de texto narrativo se mantém na investigação da hermenêutica filosófica no pensamento de Paul Ricoeur.

3 Do jogo hermenêutico: o tempo filosófico como constitutivo de mediação mimética da experiência humana no texto narrativo

Relacionar tempo linguístico com tempo filosófico a partir da hermenêutica contemporânea é pensar o tempo na sua singularidade e, também, na pluralidade presente em cada incursão do leitor sobre o texto. Do ponto de vista da ficção, podemos falar, acompanhando Ricoeur (1997), de variações

imaginativas, que nos levam a experimentar o entrecruzamento do tempo do ato com o tempo do texto.

O sujeito ficcional não pode ter uma experiência de negação da sua própria condição de sujeito. Ele não está vinculado às marcas temporais dessa experiência nem está submetido homogeneamente a uma única intriga espaço-temporal, constitutiva do tempo cronológico (RICOEUR, 1997, p. 218). O sujeito na narrativa tem livre acesso ao fenômeno plural do tempo, pois “cada experiência temporal fictícia desdobra seu mundo, e cada um desses mundos é singular, incompatível e único” (RICOEUR, 1997, p. 219), o que nos leva à convivência do múltiplo. O texto narrativo se refigura a cada interação sociocultural, mas, sobretudo, a partir do viés interpretativo, como método de leitura, no qual a hermenêutica contemporânea se assegura.

Todo processo de produção conceitual sobre o tempo assinala a convergência entre o caráter mimético do tempo e a apreensão do conhecimento histórico. Sob o signo da representação, o tempo está submetido a uma leitura dinâmica através dos sujeitos ficcionais e sujeitos não-ficcionais.

O tempo é uma experiência relacional, pelo menos no sentido posto a partir da perspectiva identitária, ou seja, a dialética da ipseidade e da mesmidade (RICOEUR, 1991, p. 167; 198) produz um estado de desfiguração do próprio entendimento de tempo do mundo, tanto através das instabilidades que decorrem das irrupções dos leitores como pelas próprias características da intemporalidade do ato de pensar. O tempo é, portanto, uma compreensão de mediação entre o sujeito e suas ações perceptíveis; mediação que acontece não somente por meio do signo linguístico, mas através da hermenêutica filosófica.

Considerações finais

Neste artigo refletimos as sobre as concepções de tempo que Paul Ricoeur articula na obra *Tempo e Narrativa*, a partir da sua pesquisa de base hermenêutica, relacionado às concepções de tempo no campo da ciência da linguagem, mais precisamente da linguística textual, com os conceitos de tempo filosófico.

Tomamos como itinerário investigativo, acompanhando o pensamento do Ricoeur, uma análise das concepções de tempo linguístico, a partir do pensamento Émile Benveniste e Harald Weinrich e uma reflexão sobre as aporias do tempo filosófico, na percepção de Ricoeur sobre a filosofia de Husserl, Agostinho, Aristóteles e Heidegger. Desta feita, articulamos uma sistemática possível da concepção de tempo filosófico como constitutivo de mediação mimética da experiência humana no texto narrativo.

O grande desafio que esta pesquisa sobre “o tempo pensado em texto na hermenêutica de Paul Ricoeur” nos trouxe, foi quanto a sua natureza conceitual, pois, na análise da linguística, o tempo é dito, marcado por signos, ou seja, é tempo verbal; na concepção da filosofia, o tempo são condições de possibilidade para o sentir e o pensar; mas na compreensão da hermenêutica ricoeuriana o tempo é mediação da experiência narrada.

Desta forma, expomos algumas conclusões a que chegamos sobre o tempo. Do tempo linguístico: compreendemos que o tempo é produto de um processo de escolha de modalidade e posicionamento do dizer por meio da escolha do tempo verbal. O tempo verbal indica o lugar em que se encontra o sujeito da fala, ou seja, o sujeito se posiciona a partir do enunciado ou do lugar da enunciação. Nesta perspectiva o indicativo do tempo separa o narrar do dizer ou institui uma gramática verbal exclusiva para a narrativa e outra gramática para o discurso; compreendemos também que o tempo linguístico alarga seu campo de percepção em relação à experiência das outras situações de uso da linguagem, tais como as situações de locuções: contar e comentar e situações pertencentes à própria constituição da narrativa, ou seja, entre o tempo do ato e o tempo do texto.

Refletimos, ainda, segundo Ricoeur, que com a fenomenologia hesserliana o tempo está para além das estruturas linguísticas e que no pensamento agostiniano podemos ter acesso ao tempo como experiência interna ou experiência da alma, tomando a física aritotélica o tempo é uma experiência externa ou experiência no mundo. Já na hermenêutica de Paul Ricoeur, o tempo assume fundamentalmente a mediação como constituinte de análise interpretativa da narrativa

Concluímos, pois, que o objetivo deste artigo, no que diz a respeito à reflexão sobre as concepções de tempo que se articulam na hermenêutica de Paul Ricoeur foi parcialmente efetivado, pois a pesquisa demonstrou que o tema sobre o tempo exige uma argumentação filosófica mais fundamentada para resolver de forma satisfatória o problema hermenêutico da relação entre o tempo linguístico e o tempo filosófico no processo de interpretação da narrativa.

Referências

- BENVENISTE, Émile. *Problemas de Linguística Geral II*. Tr.: Eduardo Guimarães. Campinas, SP: Pontes, 1989.
- CESAR, Constança Marcondes (org.). *A hermenêutica francesa – Paul Ricoeur*. Porto Alegre, RS: EDIPUCRS, 2002.
- FIORIN, José Luiz. *As Astúcias da Enunciação – as categorias de pessoa, espaço e tempo*. São Paulo: Ática, 1996.
- HAHN, Lewis Edwin (coord.). *A Filosofia de Paul Ricoeur*. Tradução de António Moreira Teixeira. Lisboa: Instituto Piaget, 1999.

JERVOLINO, Domenico. *Introdução a Ricœur*. Trad. José Bortolini. São Paulo: Paulus Editora, 2011.

PELLAUER, David. *Compreender Ricœur*. Tradução de Marcus Penchel. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

RICOEUR, Paul. *Philosophie de la volonté*. Tome I: Le volontaire et l'involontaire. Paris: Aubier, 1950.

_____. *Philosophie de la volonté*. Tome II: Finitude et culpabilité 1. L'Homme Faillible. Paris: Aubier, 1960.

_____. *Philosophie de la volonté*. Tome II: Finitude et culpabilité 2. La Symbolique du mal. Paris: Aubier, 1960.

_____. *De l'interprétation. Essai sur Freud*. Paris: Seuil, 1965.

_____. *Le conflit des interprétations*. Essais d'herméneutique. Paris: Seuil, 1969.

_____. *Interpretation Theory: discourse and the surplus of meaning*. Forth Worth (Texas), The Texas Chistian University Press, 1976.

_____. *L'herméneutique biblique*. Paris: Cerf, 2000.

_____. *Soi-même comme un autre*. Paris: Seuil, 1990.

_____. *Lectures*. Tome I: Autour du politique, Paris: Seuil, 1991.

_____. *Le juste*, I, Paris: Esprit, 1995.

_____. *Du texte à l'action. Essais d'herméneutique II*, Paris: Seuil, 1986.

_____. *Temps et récit*. Tome I: L'intrigue et le récit historique. Paris: Seuil, 1983.

_____. *Temps et récit*. Tome II: La configuration dans le récit de fiction. Paris: Seuil, 1984.

_____. *Temps et récit*. Tome III: Le temps raconté. Paris: Seuil, 1985.

_____. *Tempo e Narrativa*. Tomo I. Tradução de Marina Appenzeller. Campinas, SP: Papirus, 1994.

_____. *Tempo e Narrativa*. Tomo II. Tradução de Marina Appenzeller. Campinas, SP: Papirus, 1995.

_____. *Tempo e Narrativa*. Tomo III. Tradução de Roberto Leal Ferreira. Campinas, SP: Papirus, 1997.

_____. *O Si-Mesmo como um Outro*. Tradução de Lucy Moreira Cesar. Campinas, SP: Papirus 1991.

ROSA, João Guimarães. *Primeiras estórias*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988.

WEINRICH, Harald. *Estructura y función de los tiempos en el lenguaje*. Madrid: Editorial Gredos, 1974.

Endereço do Autor:

Rua Lincoln Fontenele Guimarães, 120
Bloco Lilas, Apt. 302, Bairro Santa Isabel
64053-240 Teresina – PI
vanderleicarneiro66@gmail.com